

LÍVIA DE OLIVEIRA: UMA EDUCADORA EXPLORANDO AS FRONTEIRAS MAIS AVANÇADAS DA GEOGRAFIA

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 31, n. 2, p. 411-426, mai./ago. 2006.

INTRODUÇÃO

O objetivo maior do presente texto é fazer uma reflexão de caráter epistemológico, mas também carregada de afetividade, sobre a vida e a obra de uma das grandes geógrafas brasileiras da atualidade: a Professora Lívia de Oliveira.

Duas razões principais motivaram a elaboração deste estudo:

- primeiramente, o fato de Lívia de Oliveira e todos aqueles a ela academicamente ligados terem produzido uma das obras mais originais na geografia brasileira da segunda metade do século XX e deste início do século XXI;
- em seguida, os fundamentos epistemológicos, as técnicas empregadas e os resultados colocam a produção intelectual de Lívia de Oliveira e de seus seguidores sempre como uma alternativa autenticamente geográfica – embora em suas fronteiras mais avançadas – para aqueles que não querem se submeter à dominação desta ou daquela corrente geográfica momentaneamente majoritária.

Neste último caso, posicionam-se todos aqueles que acreditam firmemente que a geografia – embora com temática e fundamentos epistemológicos bem estabelecidos e um conjunto de métodos e técnicas cujas operacionalidade e validade não precisam mais ser demonstradas – deve ser sempre pluralista em suas abordagens para ser útil à sociedade e, ao mesmo tempo, abrir os caminhos que ampliarão suas fronteiras de disciplina acadêmica nessas alvoradas do novo milênio.

Sem abrir mão de seus conceitos e fundamentos epistemológicos mais duradouros e comprovados, pois que são eles que dão à geografia e aos geógrafos sua verdadeira personalidade, o dinamismo e o futuro dessa disciplina pedem que pelo menos parte da comunidade dos geógrafos explore, com consciência, suas fronteiras mais avançadas.

O trabalho de Lívia de Oliveira e de seus numerosos colaboradores e discípulos tem feito, desde a década de 1960, justamente isso: explorar alternativas de ensino e pesquisa em uma das fronteiras mais importantes (alguns afirmam que é a última fronteira!!!) da geografia.

Resumindo deliberadamente pode-se dizer que esta fronteira é aquela que se encontra no contato da pesquisa e da educação geográfica com a complexidade dos processos perceptivos, cognitivos e representativos dos seres humanos, tendo como contextos as múltiplas facetas de nosso meio ambiente terrestre.

Para realizar esta reflexão, o estudo foi organizado em três partes:

- a primeira estará voltada para as origens e a formação de Lívia de Oliveira;
- a segunda, e mais longa, tratará das principais orientações epistemológicas e das características mais relevantes da produção intelectual de Lívia de Oliveira;

- e a terceira focalizará a contextualização epistemológica do pensamento de Livia de Oliveira.

FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA – GEÓGRAFA

Com o que foi dito na introdução, fica claro que o propósito deste trabalho não é produzir uma biografia de Livia de Oliveira, o que demandaria um outro tipo de abordagem e, inclusive, muito mais tempo e páginas. Como já se mencionou, o que se busca aqui é fazer algumas reflexões de caráter predominantemente epistemológico sobre as atividades e a produção acadêmica da ilustre professora da UNESP, de Rio Claro-SP. Todavia, mesmo em casos como este, não se pode ignorar completamente a história da pessoa cuja obra se analisa, uma vez que essa história pessoal tem, necessariamente, influência significativa sobre as atividades e a obra em estudo.

Livia de Oliveira nasceu em Mairinque, uma das quinze cidades que compõem atualmente a região de Sorocaba-SP. Hoje em dia, Mairinque pode ser considerada um centro urbano emergente, com seus 34.340 habitantes urbanos, e com um IDH de 0,801, em 2000.

A mãe, professora, e uma “apaixonada pela educação” nas próprias palavras de Livia de Oliveira, desempenharia um papel primordial em sua formação intelectual e na opção profissional final pela geografia que a jovem Livia acabaria fazendo.

Cada etapa escolar de Livia de Oliveira era cuidadosamente acompanhada pela mãe, inclusive a primeira graduação feita na Escola de Enfermagem da USP, entre 1945 e 1948, profissão que seria, logo em seguida, abandonada.

O sonho não podia estar afastado da educação, do magistério. Nessa perspectiva, e por sugestão da mãe, Livia faz uma opção profissional definitiva pela geografia, e inicia em 1954, o curso de graduação em geografia e história da USP. Começou no curso noturno e, depois, transferiu-se para o diurno, graduando-se em 1958.

Este curso abriu, em suas próprias palavras, “horizontes nunca antes imaginados”, e alguns professores tiveram uma influência profunda e duradoura em sua formação: Azis Ab’Saber, João Dias da Silveira, Pasquale Petrone e José Ribeiro de Araújo Filho. Este último seria, mais tarde, o orientador de seu doutorado.

O curso de graduação em geografia, na USP da década de 1950, era feito em conjunto com o de história e se caracterizava pelo oferecimento de disciplinas muito abrangentes e gerais, como a Geografia Humana, a Geografia Física e a Geografia Regional. Os conhecimentos de caráter conceitual, obtidos em tais disciplinas, eram colocados em prática em outras disciplinas, que se interessavam por unidades geográficas definidas, como Geografia Geral do Brasil e Geografia Regional do Brasil.

Para dar suporte bibliográfico, principalmente às três disciplinas mencionadas anteriormente, eram usados alguns dos clássicos da escola francesa de geografia como, entre outros, os de Emmanuel de Martonne, Jean Brunhes, Max. Sörre, Henri Baulig, Albert Demangeon e o próprio Paul Vidal de la Blache. Trata-se de obras sempre volumosas e que, naquela época, raramente tinham traduções para o português. Ainda neste caso, a ajuda inestimável da mãe se fez presente, com a interpretação e, mesmo, a tradução de capítulos inteiros de tais obras, sobretudo tendo em vista que Livia de Oliveira possuía, então, muito mais familiaridade com o inglês do que com francês. Além de muito conhecimento substantivo, metodológico e técnico, as reflexões e discussões sobre tais obras traziam, igualmente, um forte embasamento conceitual e teórico da geografia.

Para complementar a formação obtida durante o curso de graduação, Livia de Oliveira realizou quinze cursos de extensão (entre 1965 e 1988), tendo feito, ainda, duas especializações: uma, em 1967, na USP, em São Paulo, e a outra, em Estudos

Ambientais, na Universidade de Toronto, Canadá, em 1980.

Para completar esta formação acadêmica de alto nível, Livia de Oliveira fez o doutoramento em ciências, na UNICAMP, com a defesa de tese ocorrendo em 1967 e a livre-docência, no ano de 1977, na UNESP de Rio Claro-SP.

Completam essa formação a participação em encontros científicos numerosíssimos, tanto no Brasil como no exterior, várias comissões examinadoras de mestrado e doutorado e muitas publicações de artigos, capítulos de livros e livros.

Trata-se, portanto, de uma das formações acadêmicas mais completas no país, sobretudo se se levar em conta o período cronológico em que se deu, quando a maior parte dos jovens graduados em Geografia era atraída para o imediatismo do magistério de primeiro e segundo graus, tão carente de professores com formação superior de boa qualidade.

Conscientemente, Livia de Oliveira escolheu uma carreira profissional cujo foco é a academia, onde a formação do professor-pesquisador não cessa nunca.

Durante essa longa carreira, a produção intelectual de Livia de Oliveira foi densa, numerosa e de boa qualidade. Algumas contribuições, porém, tiveram uma hierarquia mais alta. É sobre elas que versam as páginas seguintes.

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES INTELECTUAIS

A tese de livre-docência

Embora antes de 1978, Livia de Oliveira já tivesse feito várias publicações, em diferentes formatos, sobre os temas da percepção, cognição e representação do espaço geográfico, ou do meio ambiente do homem, a tese de livre-docência, defendida em 1977 e publicada em 1978, na Universidade de São Paulo, causou impacto, principalmente em uma parcela da comunidade de educadores, em especial a dos professores de geografia.

Algumas das razões desse impacto se prendem à originalidade da temática (principalmente para geógrafos e professores de geografia) e ao fato de que tal temática se diferenciava grandemente daquilo que tais profissionais faziam em suas atividades cotidianas convencionais. Além disso, e certamente o mais impactante, é que os temas desenvolvidos na tese, ao invés de repetirem as mesmas idéias, orientações e princípios que dirigiam a prática de ensino dominante na geografia da época, ousavam explorar zonas epistemológicas fronteiriças não trilhadas até então.

A tese tem um plano de grande coerência lógica, sendo formado por uma parte introdutória, com um prefácio e os principais propósitos, ou objetivos do trabalho; uma primeira parte, cujo título é "o problema didático do mapa", e que se divide em dois capítulos: o primeiro, com uma reflexão e uma análise sobre "os mapas na geografia", e o segundo, com um estudo sobre "o mapa na sala de aula". Na segunda parte, que tem por título "as bases para uma metodologia do mapa", há dois capítulos densos, nos quais se discutem a construção, percepção, cognição e representação do espaço pela criança, e a aplicação das relações projetivas de ordem espacial na leitura do mapa. Inclui-se nesta segunda parte uma pesquisa cuidadosamente realizada em sala de aula, na qual os temas, conceitos e princípios descritos teoricamente são aplicados, sendo os resultados amplamente discutidos.

A tese é fechada com algumas conclusões finais e com dois anexos: um que passa em revista e resume, de maneira bastante didática, o complexo sistema de Piaget; e um segundo, que apresenta detalhes das provas da pesquisa, não incluídos no texto principal da tese.

Apesar de aparentemente voltada apenas para dois temas presentes no fazer geográfico desde as mais antigas tradições (o ensino da geografia e a elaboração dos mapas), a tese de livre-docência de Livia de Oliveira sobre o Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa, publicada em 1978, teve muitos outros efeitos. De um lado, sobre a comunidade dos geógrafos e de outro, sobre meios acadêmicos interessados no ensino, principalmente pelo caráter original e inovador dessa tese, como já foi dito nas páginas precedentes. Se um certo número de professores de geografia se deu conta, imediatamente, das potencialidades que se abriam para sua prática de ensino de geografia com a incorporação do pensamento, da metodologia e de técnicas piagetianas, poucos, por outro lado, perceberam que, do ponto de vista epistemológico, o que estava se propondo era uma verdadeira mudança de eixo na orientação do pensamento geográfico. Em que sentido?

É que, apesar da importância atribuída pela Escola Francesa de Geografia, de orientação vidaliana, na primeira metade do século XX, ao papel da observação e da vivência que os geógrafos devem desenvolver em relação aos lugares, paisagens e regiões objetos de seus estudos, as abordagens dominantes na geografia mundial e brasileira de então davam importância muito maior a esses objetos de pesquisa e à elaboração técnica de suas representações numéricas, gráficas e cartográficas, do que aos sujeitos envolvidos nesses processos de conhecimento do mundo. E isso, não obstante as afirmações já antigas e amplamente divulgadas nos meios acadêmicos, segundo as quais “existe um mundo das coisas, ou objetos e um mundo dos sujeitos” (Descartes, citado em KNAFOU, 1997, p. 372 e 373) e que “a realidade perfeitamente objetiva não nos é jamais acessível” (Kant, citado em KNAFOU, 1997, p. 372 e 373).

Assim, o referido trabalho de Livia de Oliveira, sem ignorar a importância do mundo das coisas, pois é de seu conhecimento que se trata, dirige o seu foco principal para os sujeitos desse conhecimento, tendo como base o pensamento piagetiano.

São naturais, portanto, as reações que uma tal perspectiva poderia suscitar, principalmente na academia e, inclusive, em sua própria autora. Nessa altura, Livia de Oliveira e uma minoria dentro da comunidade de geógrafos brasileiros já tinham percebido que, no nível da geografia mundial, desenvolvia-se uma tendência epistemológica, extremamente diferenciada internamente, que juntava contribuições antigas e novas, de intelectuais que privilegiavam as percepções, atitudes e valores dos seres humanos em seus processos de interação e de conhecimento do meio geográfico.

As Traduções

Livia de Oliveira intensifica e amplia, então, seus laços com universidades, pesquisadores e publicações internacionais, voltados para indagações semelhantes às suas.

Desses contatos, nasce uma de suas maiores contribuições: as traduções para o português, publicadas respectivamente em 1980 e 1983, de duas obras fundamentais do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Muito recentemente (2006), mais um grande livro do geógrafo sino-americano foi traduzido e publicado por Livia de Oliveira: Paisagens do Medo.

Inicialmente, é preciso fazer uma observação sobre as dificuldades da tradução. Quando os leitores têm em mãos uma obra traduzida, a grande maioria deles, por estar prioritariamente interessada no conteúdo de tal obra, pouca ou quase nenhuma importância dá ao fato de que se trata de uma tradução e o que isto significa em termos de tempo dispendido e de dificuldades que tiveram que ser superadas. Não é necessário chegar ao exagero de se afirmar que “a tradução é algo tão trabalhoso e difícil, pois

corresponde praticamente a uma nova redação de um mesmo livro!" Mas, trata-se de uma tarefa bastante difícil, especialmente quando são autores cujo pensamento e cuja temática são complexos e originais. Tal é exatamente o caso das obras de Tuan traduzidas por Livia de Oliveira. Esses livros, que tiveram e ainda têm grande influência sobre um segmento importante de geógrafos, arquitetos, urbanistas, psicólogos, sociólogos e planejadores de outros países e do Brasil, refletem a complexidade da formação intelectual desse geógrafo, que nasceu na China, onde viveu seus primeiros anos; foi, sucessivamente, educado na Austrália, nas Filipinas, no Reino Unido (Oxford), onde recebeu seu título de Mestre, e na Califórnia (Berkeley), onde recebeu seu título de PhD. Depois, trabalhou como professor e pesquisador em várias universidades da América do Norte, entre as quais Toronto (Canadá), Minnesota e Wisconsin, em Madison, nos Estados Unidos, onde se aposentou em 1998.

Topofilia (1980) e Espaço e Lugar (1983), os primeiros livros de Tuan traduzidos por Livia de Oliveira tiveram um impacto significativo sobre a evolução epistemológica da geografia brasileira, naquela altura excessivamente polarizada pela "nova geografia" (quantitativa, teórica e neopositivista), ou pela "geografia nova" (racional, crítica e neomarxista).

Livia de Oliveira, por intermédio de suas primeiras traduções de Tuan, contribuiu para disseminar, entre os geógrafos e vários outros profissionais afins, em nosso país, algumas das contribuições básicas desse grande acadêmico:

- temas até então pouco estudados em nosso meio, como os de percepção ambiental, etnocentrismo, mundos pessoais, atitudes e valores ambientais, símbolos nas paisagens, geografias experienciais, imagens e imaginabilidade, etc;
- conceitos, que tiveram seus significados aprofundados e/ou ampliados como, entre outros, os de: espaço, tempo, lugar, paisagem, orientação...;
- conceitos e temas novos como, principalmente, os de topofilia e topofobia, hoje em dia já grandemente assimilados e usados no Brasil.

Além disso, Tuan foi um dos pioneiros na discussão e na pesquisa das perspectivas geográficas de grupos singularizados em função do sexo, da idade, da etnia, da cultura, etc, temas que só se difundiriam mais tarde, dentro do que se convencionou chamar de "geografias pós-modernas".

Para demonstrar que sua carreira intelectual continua vigorosa e produtiva, Livia de Oliveira acaba de publicar a terceira de suas traduções de Tuan. Trata-se de "Landscapes of Fear" (Paisagens do Medo), que acaba de ser lançado pela Editora da UNESP².

Tuan mais uma vez explora as ligações emocionais que se tecem entre os seres humanos e os ambientes em que vivem. Neste caso, trata-se de uma reflexão, que apresenta uma contextualização de caráter histórico, sobre alguns dos principais aspectos e formas de que se revestem os sentimentos de medo dos homens em relação a certos processos e eventos que tiveram lugar em lugares com suas paisagens características, tais como as paisagens das pestes, de desastres da natureza, do exílio e do confinamento e, até mesmo, dos medos que povoam a fértil imaginação de crianças e adultos.

Um balanço dos estudos de percepção ambiental no Brasil

Do final da década de 1970 até os primeiros anos daquela de 1990, muitos trabalhos se produziram no Brasil, no âmbito da grande corrente da geografia humanística e, dentro dela, de modo especial no campo dos estudos de percepção do meio ambiente. Se essa proliferação mostrava, de um lado, o dinamismo de uma corrente de pensamento minoritária na geografia praticada em nosso país, de outro lado, por se tratar de

uma tendência que tem na pluralidade epistemológica uma de suas características primordiais, essa mesma proliferação era fator de perplexidade tanto entre seus adeptos e praticantes, quanto, conseqüentemente, entre os demais membros da comunidade geográfica nacional. Por ocasião de quaisquer reuniões acadêmicas ou não, sobre o assunto, ficava evidente a necessidade de um diagnóstico, de um balanço geral, enfim de um "retrato", o mais abrangente possível desse campo da geografia.

Livia de Oliveira e o arquiteto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Vicente Del Rio aceitaram o difícil desafio e começaram a convidar intelectuais (em especial, geógrafos e arquitetos) de várias regiões do país, para produzirem um conjunto de textos que permitisse ao leitor ter um verdadeiro estado da arte dos estudos perceptivos e, em um certo sentido, da geografia humanística no Brasil.

Nos meados dos anos 1990, desenvolveu-se o trabalho dos pesquisadores – contribuintes (entre os quais se incluíam os dois organizadores) e, principalmente, desses últimos no sentido de dar organicidade e coerência a textos tão diferenciados. Depois de um esforço ingente, foram revistos, agrupados e classificados um total de treze textos, de autores residindo e trabalhando nas seguintes cidades: Rio Claro e São Paulo-capital, no Estado de São Paulo, Brasília-DF, Porto Alegre-RS, Curitiba-PR, Recife-PE, Rio de Janeiro-RJ e Belo Horizonte-MG.

Os textos foram classificados, tendo como critério as temáticas dominantes em cada um deles, em três grande grupos, com os seguintes títulos: percepção ambiental e projeto; percepção ambiental e interpretação da realidade; percepção ambiental e educação ambiental.

Os organizadores assim justificam o agrupamento e classificação dos treze textos:

Os treze ensaios apresentados compõem um amplo panorama dos estudos sobre percepção ambiental no Brasil. São reveladas preocupações teóricas, zelos metodológicos e resultados de pesquisas, esclarecendo os caminhos para se estudar as interrelações entre o homem e seu meio ambiente, seja ele natural ou construído, assim como a sua aplicabilidade em nortear intervenções espaciais e organização territorial.

[...] Os trabalhos apresentados também podem ser classificados em três grupos segundo a natureza de seus aportes, embora não possa haver rigidez nesta distinção. O primeiro é composto pelos estudos que visam, através da aplicabilidade de seus resultados, nortear projetos e intervenções ambientais, sendo, portanto, de especial interesse para arquitetos e urbanistas. No segundo grupo, inserem-se os trabalhos que buscam, pela interpretação de fenômenos perceptivos, contribuir para ampliar a compreensão da realidade que cada um de nós constrói interiormente e configura nosso cotidiano. Finalmente, no terceiro grupo estão os trabalhos relativos à educação ambiental, onde o exercício da percepção se revela como poderoso instrumento para a interpretação da realidade e formação de sistema de valores (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996, p. x).

O quadro seguinte, elaborado com base na obra organizada por Livia de Oliveira e Del Rio, mostra todo o conjunto de temas, textos e autores envolvidos. A observação desse quadro serve para se constatar que, em menos de 20 anos (uma vez que a tese pioneira de Livia de Oliveira fora, como vimos, publicada em 1978), os estudos perceptivos tinham conseguido avançar enormemente, tendo lançado raízes em alguns dos mais importantes pólos universitários do Brasil.

² TUAN, Yi-Fu: Paisagens do Medo. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, Editora da UNESP, 2006, 376 p.

O terceiro encontro interdisciplinar sobre o estudo da paisagem

De 11 a 13 de maio de 1998, o Departamento de Geografia do IGCE, da UNESP de Rio Claro, promoveu nessa cidade paulista, o evento Paisagem, Paisagens – 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem, sob coordenação das professoras Lívia de Oliveira e Lucy Marion C. Philadelpho Machado. De todos os eventos semelhantes, até então realizados, o terceiro foi aquele de maior amplitude, tanto pelo número de instituições participantes, assim como pelo número de apresentadores e pelos temas correlatos ao de paisagem, que foram discutidos.

Quadro I – Temas e autores da publicação coletiva percepção ambiental – a experiência brasileira (São Paulo, Nobel, 1996)

Os objetivos desse 3º Encontro foram assim caracterizados pelas coordenadoras:

Este evento, em terceira edição, pretende apresentar um quadro da diversidade de abordagens e a multiplicidade de relações estabelecidas entre o homem e seu entorno, sob a forma de um painel multidisciplinar sobre a interação sociedade/natureza, tendo como objetivo promover a troca de experiências entre profissionais ligados ao estudo da paisagem, bem como divulgar trabalhos correlatos nas diversas áreas do conhecimento (OLIVEIRA; MACHADO, 1998, página sem número).

Sempre tendo como referência sua interação com certos aspectos das paisagens, foram discutidos, no 3º Encontro, temas tratados em várias disciplinas e resultantes de pesquisas e reflexões de diferentes profissionais. O quadro seguinte oferece um resumo desses temas correlacionados com aquele, maior, da paisagem.

QUADRO II – Temas correlatos apresentados por ocasião do 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem – UNESP/Rio Claro-SP

A quantidade e a variedade dos temas correlatos apresentados e discutidos durante o 3º Encontro mostram o alcance e a polarização que teve o evento, refletindo também o prestígio de suas organizadoras e coordenadoras. Desse ponto de vista, o seguinte quadro, com os apresentadores de trabalhos e as instituições a que pertencem, é bastante esclarecedor.

Se a UNESP de Rio Claro, a USP e outras instituições de ensino superior do Estado de São Paulo agrupam a maior parte dos participantes do Encontro com trabalhos apre-

sentados, mais seis universidades de outras cinco unidades da federação fizeram-se presentes: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e o Distrito Federal.

Orientações de mestrandos e doutorandos

Embora todas as produções intelectuais de Livia de Oliveira, analisadas neste capítulo, tenham um valor inestimável, talvez sua maior contribuição tenha se dado em um outro domínio, principalmente se levarmos em conta o esforço necessário à sua realização e especialmente seu grande efeito multiplicador: o da orientação de mestrandos e doutorandos.

No caso da vida acadêmica de Livia de Oliveira, essa atividade assume uma posição absolutamente central.

Em um período relativamente curto (1980-2003), foram concluídas, na UNESP de Rio Claro, sob a orientação de Livia de Oliveira, quatorze dissertações de Mestrado e nove teses de Doutorado, algumas delas verdadeiras obras-primas.

Quadro III – Apresentadores de trabalhos no 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem e as instituições a que pertencem

• Direito Ambiental	5 comunicações
• Percepção, cognição, interpretação	5 comunicações
• Educação ambiental	3 comunicações
• Tipologia (urbana e rural)	2 comunicações
• Tempo e espaço	1 comunicação
• Paisagismo (jardins)	1 comunicação
• História	1 comunicação
• Arte (pintura)	1 comunicação
• Patrimônio cultural	1 comunicação
• Epistemologia da Geografia (os clássicos) ...	1 comunicação

Total: 21 comunicações

Fonte: Oliveira; Machado, 1998.

Alguns eixos temáticos principais podem ser identificados, quando se examinam epistemologicamente as teses e dissertações mencionadas. Quatro deles aparecem com maior destaque:

- ensino (educação);
- percepção, cognição e valorização de paisagens e lugares;
- turismo;
- meio ambiente (inclusive riscos ambientais).

Em todas as teses e dissertações, independentemente do tema abordado, o analista pode observar a grande preocupação da orientadora, principalmente com o plano geral da obra e com os cuidados que se deve ter com a organização, as etapas e as técnicas empregadas na pesquisa. Assim, nota-se com facilidade que a palavra metodologia, em trabalhos orientados por Livia de Oliveira não é uma simples figura de retórica.

Outras características sempre notadas são o cuidado com a apresentação material (formal) das teses e dissertações e com as referências às fontes utilizadas, principalmente as bibliográficas. Quando, a todos esses cuidados e conselhos emanados da orientadora, juntam-se um bom embasamento epistemológico e algumas qualidades estéticas do próprio orientando, produzem-se verdadeiras "obras de arte", como veremos a seguir.

Na impossibilidade de descrever e analisar, em um texto com o escopo e as dimensões do presente, todas as teses e dissertações orientadas por Livia de Oliveira, duas delas foram selecionadas para serem objeto de alguns comentários, sem nenhuma desconsideração para com as demais. Tendo em vista que todas as teses e disser-

tações orientadas por Livia de Oliveira apresentam qualidade elevada, a seleção de duas delas se deu principalmente em função de critérios e preferências ligados mais à

Fonte: Oliveira; Machado, 1998.

(*) A Prof^a Livia de Oliveira apresentou dois trabalhos diferentes durante este 3º Encontro

subjetividade do analista e a certas circunstâncias, como, por exemplo, o fato de ter participado de suas respectivas bancas examinadoras e de ter conhecido muitas outras obras e ações de seus autores. Refiro-me às teses de doutorado de Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado e de Lineu Bley.

Em 1988, na UNESP de Rio Claro-SP, a Professora Lucy Machado defendeu a primeira tese de doutoramento sobre o tema da percepção do meio ambiente no Brasil. A tese recebeu o sugestivo título de A Serra do Mar Paulista: Um Estudo de Paisagem Valorizada. A própria Lucy Machado assim se expressou sobre o objetivo, as bases epistemológicas e a técnica de obtenção de dados de sua tese:

A pesquisa para o Doutorado foi desenhada com o propósito de estudar a Serra do Mar Paulista, através da variedade de relacionamentos que o homem pode estabelecer com a paisagem serrana. As contribuições de Lowenthal, Tuan e Dubos proporcionaram a base teórica para o estudo da Serra como cenário de experiências humanas diretas e indiretas e foram guias preciosos para a construção do

instrumento de medida, um questionário aberto aplicado a 240 sujeitos, 163 homens e 77 mulheres, de idade entre 23 e 71 anos. Eles foram divididos em três grupos de 80 sujeitos, constituídos de pessoas que moram/trabalham na Serra do Cubatão; preocupam-se intelectualmente com a Serra; decidem, orientam as ações e divulgam os problemas da Serra. O estudo da paisagem da Serra do Mar Paulista foi então abordado como fenômeno experienciado, através dos três aspectos que estruturam as manifestações topofílicas: na percepção da paisagem, na atitude diante dela e no valor a ela atribuído (MACHADO, L. M. C. Ph., 1996, p. 53).

As palavras da autora expressam bem esses aspectos do trabalho, mas não contemplam outros, como, por exemplo o fato de se tratar de uma tese com um plano de redação de uma lógica sem falhas, muito bem ilustrada por cartogramas, croquis e fotografias de qualidade, além de ter, o que se torna cada vez mais raro hoje em dia, uma redação do mais alto nível.

A partir de sua defesa, em 1988, a volumosa (312 páginas) tese de Lucy Machado gerou vários artigos e comunicações de congressos, passando a ser a principal referência para uma série de pesquisas, dissertações de mestrado e outras teses de doutorado em todo o Brasil, nos campos das paisagens valorizadas, percepção do meio ambiente, preservação e planejamento ambientais, entre outros. Os aspectos formais da tese, isto é, formatação, ilustrações, referenciamento bibliográfico e de outras fontes e, sobretudo, a qualidade de redação também passaram a ser modelos para muitos mestrandos e doutorandos brasileiros.

O professor paranaense, Lineu Bley, já havia feito, sob a orientação de Livia de Oliveira, uma contribuição pioneira em termos nacionais, ao defender em 1982 uma das primeiras dissertações brasileiras sobre o tema da percepção do espaço urbano, aplicando princípios, métodos e técnicas desta linha de pesquisa humanística ao centro da cidade de Curitiba-PR. Destacam-se, nesta dissertação, além do texto do marco teórico, discutido principalmente na primeira parte (capítulo I e II), o detalhe e o cuidado com que algumas técnicas dos estudos perceptivos foram aplicadas ao centro de Curitiba.

Todavia, a obra por excelência de Lineu Bley seria concluída quase dez anos mais tarde (1990), igualmente sob a orientação de Livia de Oliveira, com a tese de doutorado: *Morretes – Estudo de Paisagem Valorizada*. Trata-se de um trabalho que só pode ser realizado por um pesquisador que tenha alcançado a maturidade intelectual em seu campo de estudos principal, que possua a flexibilidade e a abertura (permitidas por sua orientadora) em relação a outras disciplinas fronteiriças e, por fim, que seja dotado de uma forte sensibilidade artística.

O plano que organiza o texto da tese é exemplar, a apresentação geral, inclusive a redação, é extremamente bem cuidada. Porém, o que encanta o leitor e analista é, de um lado, o marco teórico, profundo e sóbrio, e, de outro lado a grande originalidade que consistiu na utilização muito feliz, ao lado das abordagens científicas do acadêmico-geógrafo (o próprio Lineu Bley), de abordagens artísticas, neste caso de poetas e artistas plásticos que tiveram como objeto a cidade de Morretes³.

Embora conhecidas por um bom número daqueles intelectuais que pertencem ao mundo acadêmico, em especial aqueles que compartilham as orientações humanísticas, estou seguro de que as teses de Lucy Machado e Lineu Bley não tiveram a divulgação que merecem. Seria por não pertencerem às correntes dominantes da geografia brasileira?

Seja como for, esses dois trabalhos são bem representativos não apenas da competência de seus autores, mas, igualmente, do esforço de orientação desenvolvido por Livia de Oliveira na UNESP de Rio Claro. E continuarão a ser considerados como modelos para os pós-graduandos que desejam construir teses e dissertações relevantes não apenas do ponto de vista científico mas, também, belas esteticamente, corretas e elegantes em sua redação.

UM BALANÇO FINAL DE CUNHO EPISTEMOLÓGICO

Embora os modos de fazer a descrição da Terra (geo-grafia) tenham sido bastante numerosos desde seus primórdios, nos meios acadêmicos do mundo ocidental, em geral, e do Brasil, em particular, durante a maior parte da segunda metade do século XX, as correntes de pensamento, que orientavam a prática da atividade geográfica não eram tão numerosas assim.

e extra-muros da academia, a atividade prática da geografia pode-se realizar sem muitas amarras, no âmbito da universidade ela tem que seguir determinados princípios e ajustar-se a certos padrões para que seja aceita, replicável e intercambiável pelo menos em uma parcela da comunidade acadêmica.

Tendo em vista que as pessoas que compõem as comunidades universitárias não possuem, por outro lado e felizmente, pensamentos, atitudes, valores e interesses idênticos, esse ambiente vê nascerem e se desenvolverem correntes epistemológicas que possuem a capacidade de orientar as reflexões e práticas de parcelas consideráveis dessas comunidades. Essas grandes orientações epistemológicas já receberam vários nomes nas universidades, inclusive os de escolas, programas de pesquisa, paradigmas...

No tempo em que se desenvolve a maior parte da atividade acadêmica de Livia de Oliveira, seus colegas e seus discípulos, quatro dessas orientações paradigmáticas se repartem a maior parte das preferências da comunidade de geógrafos:

- as denominadas geografias tradicionais, representadas por conhecidos nomes das principais escolas nacionais européias de pensamento geográfico, que buscavam suas fontes mais remotas na geografia da Grécia antiga e tinham se estruturado a partir do século das luzes. Apesar de, para alguns geógrafos, essas escolas tradicionais possuírem um caráter quase sagrado, na medida que elas mantinham-se fiéis aos grandes princípios fundadores que davam unidade e coerência à geografia, para outros, elas eram muito conservadoras e não conseguiam acompanhar o ritmo e a velocidade das mudanças de nosso tempo;
- para responder adequadamente aos desafios da modernidade, principalmente os metodológicos e tecnológicos, uma parte dos geógrafos, especialmente de países mais avançados econômica e tecnologicamente, desenvolve a chamada nova geografia que, primeiramente, busca quantificar a geografia, e para operacionalizar isto, põe a geografia no mundo da informática. Em seguida, para justificar tudo isso e, inclusive, elevar a geografia ao nível das ciências de ponta, procura um embasamento teórico mais consistente. Apesar de ter trazido avanços importantíssimos para a geografia, essa corrente sempre fazia os geógrafos correrem os riscos de resvalar para o tecnocratismo e/ou para fora das fronteiras da geografia, laborando então, sem o preparo necessário, em campos alheios;
- na busca da justiça espacial ou regional, para evitar a ortodoxia de muitos tradicionalistas, o tecnocratismo de vários quantitativistas computadorizados e a arrogância de um certo número dos chamados teóricos, um grupo de geógrafos politicamente mais à esquerda desenvolveu uma corrente de pensamento geográfico que, inicialmente, é radical e, posteriormente, se contenta em ser crítica. No começo, se fundamenta em um humanismo cujo ideal é uma justiça social que não fique apenas no discurso político, mas que possa se espacializar, regionalizar e, sobretudo, se urbanizar. Como tudo isso é ética-

³ Como já tive oportunidade de dizer pessoalmente ao autor, a tese de Lineu Bley sobre Morretes é, do ponto de vista estético, a mais bela tese que já vi, pois é feita de ciência, poemas e pinturas

mente bom, mas muito difícil de operacionalizar, sobretudo geograficamente, os adeptos dessa corrente passam a se apoiar epistemologicamente no neomarxismo, que vinha se estruturando para dar uma sobrevida a certos valores do marxismo ortodoxo, que entrava numa crise para muitos irreversível. Nesta geografia crítica, necessária eticamente, aumentava com o tempo e com a prática, o risco do militantismo e, mais do que isso, a possibilidade (ou probabilidade?) de implosão da geografia pelo abandono de alguns de seus fundamentos mais antigos e autênticos, como grande parte das abordagens da geografia física, ou das técnicas, particularmente as cartográficas;

- por fim, mobilizados por geógrafos que estavam insatisfeitos com as correntes dominantes, ou tinham a nostalgia da unidade do pensamento geográfico preconizada pelas escolas europeias tradicionais, ou, ainda, consideravam que nenhuma daquelas correntes contemplava adequadamente o sujeito de todas as geografias, ou seja, o homem com seus valores e sentimentos, desenvolveu-se um movimento heteróclito, muito pouco estruturado e unificado epistemologicamente, denominado geografia humanística. Seu denominador comum é funcionar como uma alternativa válida para as correntes dominantes e incluir na geografia, além do homem racional, quantitativo ou militante, o homem subjetivo, afetivo, emocional, axiológico, dotado de sentimentos topofílicos, topofóbicos, estéticos e tantos outros que compõem o homem integral em seu contato com os fenômenos e com o meio ambiente. Os fundamentos epistemológicos seriam plurais por definição e, além daqueles de uma ciência mais na escala humana, incluiriam também aqueles principalmente produzidos na filosofia e na psicologia.

É possível que, na essência, o pensamento e as pesquisas desenvolvidos por Livia de Oliveira e seus seguidores não se enquadrem perfeitamente em nenhuma das quatro correntes acima mencionadas. Aí residiria certamente sua grande originalidade... Essas questões, aliás, muito provavelmente serão objetos de pesquisas e de reflexões do próprio grupo liderado atualmente por Livia de Oliveira.

Antes da realização de tais pesquisas, podemos ficar com a hipótese de que se o pensamento de Livia de Oliveira e seus seguidores não se enquadra perfeitamente nas orientações epistemológicas mas conhecidas, deve, pelo menos, estar mais próximo de alguma delas do que das demais.

Com efeito, para um estudioso da epistemologia da geografia, em especial a história do pensamento geográfico nos últimos cinquenta anos, por exemplo, esta proximidade com uma das correntes da geografia mundial e brasileira parece evidente. Senão, vejamos...

Há alguns anos (1999), para atender um convite de colegas do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, no sentido de elaborar um texto para sua excelente revista *Sociedade & Natureza*, fiz um levantamento, com base em um certo número de livros e periódicos existentes em minha biblioteca particular, na do Instituto de Geociências da UFMG, e naquela da PUC-Minas, sobre "os vinte temas mais presentes em textos de geógrafos humanísticos". O resultado está no quadro seguinte:

Quadro IV – Principais temas presentes em textos de "Geógrafos Humanísticos", de 1970 a 1999

Se se observar com cuidado os temas presentes neste quadro e se for feito um levantamento nos textos produzidos por Livia de Oliveira, seus orientandos e outros seguidores, fica evidente que muita afinidade pode ser encontrada com o movimento internacional e nacional dos geógrafos humanísticos. Praticamente todos os 20 grandes temas do quadro estão, na verdade, presentes na vasta produção intelectual de Livia de

Oliveira e seu grupo.

Na época em que a geografia humanística começou a se propagar, de seus focos iniciais europeus e americano do norte, para o resto do mundo e para o Brasil, a posição de seus poucos adeptos era triplamente incômoda:

- as orientações epistemológicas e temáticas do movimento eram fragmentárias e mal definidas;
- os seguidores da corrente humanística eram uma pequena minoria, sem contatos freqüentes entre eles e sem quase nenhuma organização;
- na UNESP de Rio Claro, o pequeno grupo tinha que desenvolver uma política de boa vizinhança com um dos mais poderosos grupos brasileiros, o dos geógrafos teórico-quantitativos.

Atualmente, quando os geógrafos humanísticos do mundo inteiro se integram cada vez mais à mais forte corrente da geografia mundial contemporânea, isto é, a geografia cultural, a posição do grupo liderado por Livia de Oliveira é bem mais confortável. Até porque, o número e o dinamismo de outros grupos de geógrafos humanísticos e/ou culturais são cada vez maiores em nosso país, com presença em vários centros universitários, além de Rio Claro, como, por exemplo: Curitiba, Londrina, Rio de Janeiro, Uberlândia, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, etc.

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Atitudes e valores em relação ao meio ambiente | <input type="checkbox"/> Mapas mentais |
| <input type="checkbox"/> Biografias de lugares e paisagens | <input type="checkbox"/> Mundos vividos |
| <input type="checkbox"/> Comportamentos espaciais e ambientais | <input type="checkbox"/> Paisagens |
| <input type="checkbox"/> Educação ambiental | <input type="checkbox"/> Patrimônios culturais |
| <input type="checkbox"/> Espaços vividos e lugares | <input type="checkbox"/> Percepção e cognição ambientais |
| <input type="checkbox"/> "Geografias" de grupos humanos particulares | <input type="checkbox"/> Reconstruções históricas de paisagens |
| <input type="checkbox"/> Imagens geográficas | <input type="checkbox"/> Riscos ambientais e suas avaliações |
| <input type="checkbox"/> Legislações sobre meio ambiente e paisagens | <input type="checkbox"/> Sentidos de lugares e paisagens |
| <input type="checkbox"/> Literaturas regionais e urbanas | <input type="checkbox"/> Tempos e espaços experienciais |
| <input type="checkbox"/> Lugares sagrados e míticos | <input type="checkbox"/> Topofilia, Topofobia e Topocídio |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Livia de Oliveira é partícipe e testemunha do período de maior crescimento e maiores transformações da geografia brasileira: a segunda metade do século XX e os primeiros anos do século XXI. Ela viu a geografia difundir-se, a partir de seus grandes núcleos tradicionais, para uma miríade de outros pontos no vasto território nacional.

Ela participou, com seus alunos, orientandos, colegas, correligionários e amigos, de um desenvolvimento da geografia brasileira, que é muito mais importante que qualquer ampliação quantitativa, ou seja, os avanços epistemológicos e axiológicos, que colocaram nossa geografia e nossos geógrafos de ponta em níveis semelhantes àqueles dos países europeus e da América do Norte. Através de sua atividade acadêmica incansável (desde 1954, quando iniciou sua graduação em Geografia e História na USP), ou por intermédio de todos aqueles que dela se aproximaram nessa atividade acadêmi-

ca, Livia de Oliveira, talvez não tenha criado um paradigma ou uma escola de pensamento em sentido estrito mas, certamente, contribuiu para tornar mais rica e plural a geografia. Ao trazer para o ensino e a pesquisa geográficos os princípios e aspectos do pensamento de Jean Piaget que podiam acelerar e aperfeiçoar o fazer geográfico, ela deu uma contribuição inovadora. Essa contribuição, por sua vez, abriu novos caminhos de aproximação com os geógrafos do mundo inteiro, que já não mais se contentavam com os paradigmas dominantes, e que procuravam resgatar princípios e valores de uma geografia (tradicional e de todos os tempos), que estavam correndo o risco de serem esquecidos e abandonados. Esses geógrafos exploravam aquela que já foi chamada de "terra incógnita", ou de "última fronteira" da geografia, ou seja, aquela que se encontra na nossa percepção, cognição, imaginação e afetividade em relação às paisagens, ao meio ambiente e a todo esse universo misterioso em que vivemos.

Neste breve e incompleto relato da trajetória intelectual de Livia de Oliveira, marcada por tantos acontecimentos, contribuições e transformações, algo tem o dom extraordinário da permanência: a forte ligação (herdada de uma mãe devotada), que ela mantém desde a infância e a adolescência, com o ensino, com a educação. Mesmo explorando os fascinantes e pouco conhecidos espaços das mais avançadas fronteiras da geografia, Livia de Oliveira não deixou de ser professora, educadora.

Ao visitar essas últimas fronteiras, Livia de Oliveira indica três grandes direções principais para a geografia do futuro próximo:

- o aprofundamento cada vez maior do conhecimento geográfico, do ponto de vista epistemológico, para se poder explicar adequadamente nossas complexas relações com o meio ambiente;
- a ampliação de nosso compromisso com um conhecimento ético, para que as relações ambientais dos seres humanos se alicercessem mais e mais na ética;
- o desenvolvimento de um conhecimento geográfico que não se fundamente apenas em uma lógica, isto é, a aristotélica que, apesar do que se pensa, ainda é dominante, mas, também, em outras lógicas que ajudem a entender melhor a complexidade do mundo e do homem que nele vive.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia. In: ____Percepção Ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, 1987. p. 9-20. (Publicação Especial n. 5).

AMORIM FILHO, O. B.: Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. (Org.): Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira. São Paulo: Studio Nobel e UFSCAR, 1996, p. 139 – 152.

AMORIM FILHO, O. B.: A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. Sociedade & Natureza, Uberlândia, ano 11, nº 21 e 22, jan/dez. 1999, p. 67- 87.

BLEY, L.: Morretes – estudo de paisagem valorizada. 1990. Tese (Doutorado em Geografia) - IGCE, UNESP, Rio Claro, 1990.

DEL RIO, O. V. ; OLIVEIRA, L.: Percepção Ambiental, A Experiência Brasileira. São Paulo: Studio Nobel e UFSCAR, 1996.

KNAFOU, R.: L'État de la Géographie. Paris, Belin, 1997.

MACHADO, L. M. C. Ph.: Rastreado um Itinerário Geográfico – Relato de uma Trajetó-

ria Acadêmica. Rio Claro, UNESP, 1996 (Texto apresentado ao Concurso para Obtenção de Título de Livre-Docente).

MACHADO, L. M. C. Ph.: A Serra do Mar Paulista, 1998. Tese (Doutorado em Geografia) - IGCE, UNESP, Rio Claro, 1998.

MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B.: Do sonho à memória – Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. Geografia, Londrina, v. 12, n. 2, 2003, p. 4-19.

OLIVEIRA, L.: Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa. São Paulo, SP: Série de Teses e Monografias, IG - USP, 1978.

OLIVEIRA, L.; MACHADO, L. M. C. Ph. (Org.): Paisagem Paisagens. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3, Rio Claro, 1998. Textos apresentados nas mesas redondas, Rio Claro: UNESP, 1998.

TUAN, Yi-Fu.: Topofilia: Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, SP: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu.: Espaço e Lugar. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu.: Paisagens do Medo. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2006, 376 p.

XAVIER, H.: Contribuição de Livia de Oliveira para a Percepção Geográfica do Turismo. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005 (inédito).

OSWALDO BUENO AMORIM FILHO

(PUC-Minas - infoespa@pucminas.br)

Tratando da Crise da modernidade e trabalho em contextos metropolitanos, Catia Antonia da Silva, apoiada nos conceitos de Modernização e Secularização de Max Weber, vale-se da formação metropolitana como uma organização territorial reveladora da dinâmica do capitalismo contemporâneo, para assim explicitar as contradições sociais oriundas das formas contemporâneas de trabalho. Analisando as categorias de trabalhadores nas regiões metropolitanas e dando destaque especial à região metropolitana do Rio de Janeiro, a autora discute, centralmente, as estratégias de sobrevivência daqueles trabalhadores que não são integralmente absorvidos pelo circuito superior da economia. A autora aborda o setor informal da economia e joga luz sobre as novas estratégias de integração dos trabalhadores, pouco qualificados e com baixa escolaridade, ao mercado de trabalho da metrópole carioca.

Na segunda parte do livro, intitulada Técnica e trabalho na fronteira de expansão da agricultura moderna brasileira, Júlia Adão Bernardes trata do processo de expansão da fronteira agrícola nos cerrados do centro-oeste. Discutindo o padrão de produção prevalente nos estados daquela região e dando destaque especial ao estado do Mato Grosso - maior produtor de soja do país, a autora chama atenção para as transformações em curso no mundo do trabalho associadas às exigências da complexa tecnologia aplicada às atividades agrícolas modernas lá desenvolvidas. Um fenômeno expresso, principalmente, pela redução do número de trabalhadores por hectare de soja, acompanhado do aumento do nível de capacitação dos trabalhadores empregados nesta atividade.

Por sua vez, dando seqüência ao sub-tema anteriormente abordado e acompanhando as discussões sobre as Relações entre técnica, trabalho formal e espaço na agricultura moderna em Mato Grosso - Brasil, Roberta Carvalho Arruzzo, na terceira parte do livro, se propõe a fazer uma profunda e necessária reflexão sobre as relações teóricas entre técnica, trabalho e espaço para fundamentar e justificar as estruturas territoriais que hoje conformam algumas localidades daquele estado brasileiro. Dando destaque especial à composição extremamente racional, que surge com a moderna organização do trabalho formal, orientada por uma agricultura estruturada em Complexo Agroindustrial, a autora responde às questões condizentes à forma de organização do trabalho em atividades agrícolas modernas, bem como ao nível de escolarização exigido pelo grau tecnológico em uso.

Por fim, encerrando a obra, mas abrindo um horizonte inovador para as discussões sobre as categorias território, sujeito corporificado e apresentando uma importante noção que se porta sob o efeito propositivo de um mercado socialmente necessário, Ana Clara Torres Ribeiro dá uma relevante contribuição para o denominado humanismo concreto no seu texto intitulado Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. Atribuindo fundamental centralidade à necessidade de se focar o pensamento científico a serviço dos homens-lentos - categoria político-filosófica cunhada por Milton Santos - e resgatar os sentidos de coletividade e solidariedade que os mais pobres guardam em seu cotidiano, a autora atenta para o caráter privilegiado do território enquanto categoria que, em sua ontologia, revela as contradições de uma sociedade atualmente impregnada por uma ideologia economicista e globalitária mas potencialmente frutificadora e prospectiva de um outro futuro, emanadora de novas utopias que coloquem o homem no centro das decisões deste ente hegemônico chamado mercado.

Qualificado por Maria Adélia de Souza como uma maravilhosa contribuição para o desvendar do período popular da história, o texto coroa o importante e necessário esforço de construção de um pensamento genuinamente brasileiro, preocupado com os problemas que afligem a sociedade civil e também comprometido em propor, de maneira fundamentada, a elaboração futura de um outro país, alicerçado em valores e ações humanizadores.

FRANCISCO DAS CHAGAS DO NASCIMENTO JR.

(Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de concentração em Organização do Espaço
UNESP - Campus de Rio Claro - E-mail: fnascimentojr@uol.com.br)